

Seção de Livros

O INIMIGO ÀS PORTAS:

A Batalha de Stalingrado

Condensado do livro de
WILLIAM CRAIG



O INIMIGO ÀS PORTAS:



A Batalha de Stalingrado

WILLIAM CRAIG

O ano era 1942. De Berghof, no alto dos Alpes Bávaros. Adolf Hitler podia contemplar uma Europa que lhe pertencia. Do Oceano Atlântico à orla da Ásia, dos fiordes da Noruega às areias da Líbia, seu exército dominava mais de 300 milhões de pessoas. Esta era a base do «Reich de Mil Anos».

Porém, a mais de 2.000 quilômetros de distância, nas estepes empoeiradas da União Soviética, um momento decisivo fora atingido. Stalingrado seria o palco da batalha mais sangrenta da Segunda Guerra Mundial.

William Craig levou cinco anos preparando este livro para a Editora do Reader's Digest, e conheceu centenas de homens e mulheres que sobreviveram ao holocausto. É uma narrativa triste da brutalidade e bravura, e da loucura do sonho desastroso de Hitler.

* * *

«Uma narrativa clássica de drama, terror e heroísmo do maior encontro militar de nossa época.»

— Harrison E. Salisbury, autor de «Os 900 dias: o cerco de Leningrado», etc.

«Uma leitura inesquecível e obscecante.»

— Cornelius Ryan, autor de «O dia mais longo», «A última batalha», etc.

A RAVINA de Tsaritsa é uma profunda depressão topográfica, que corta de um lado ao outro a cidade de Stalingrado. Antigo leito de rio, com cerca de 60 metros de profundidade, precipita-se para o Volga, em cuja sinuosa margem oeste se localiza Stalingrado. A Praça Vermelha, o centro da cidade, não fica muito longe. Mas a ravina propriamente dita é um lugar abandonado, com mato, vegetação rasteira e lixo.

Muitos anos antes (alguns disseram que sob ordens expressas de Joseph Stalin) o exército construíra um abrigo subterrâneo na depressão, protegido por portas à prova de bombas, e profundamente escavado na parte norte da ravina. Para os padrões do exército, o interior podia ser considerado luxuoso. As paredes eram forradas de compensados de carvalho; havia até um vaso sanitário com descarga. Parecia um local estupendo para um quartel-general militar. Mas, a 9 de setembro de 1942, o supremo comando soviético decidiu que tinha de ser abandonado.

WILLIAM CRAIG tem cursos de pós-graduação de História, da Universidade de Colúmbia. E autor de *The Fall of Japan*, crônica das últimas semanas da Segunda Guerra Mundial no Pacífico, e de *The Tashkent Crisis*, romance de espionagem.

Desde o fim de agosto, Stalingrado tinha estado sob violentos ataques aéreos e de artilharia dos alemães, e grande parte dela já estava em ruínas. Uma semana antes, dois exércitos alemães tinham se unido em semicírculo ao redor da cidade, e agora estavam entrando nos subúrbios. Morteiros alemães bombardeavam a ravina implacavelmente. Poucos dias antes, as chamas de um depósito incendiado de gasolina haviam caído sobre ela, quase incinerando o posto de comando.

Nikita Kruchtchev que, mais tarde, governaria a União Soviética, era então emissário político do Premier Stalin, junto ao conselho militar, no abrigo. Pressionado pelos militares, telefonou a Stalin, para explicar que a ravina teria de ser abandonada, e estabelecido um novo posto na margem oposta do Volga.

«Isso é impossível», esbravejou Stalin. «Se os soldados descobrirem que seu comandante mudou o quartel-general para fora de Stalingrado, a cidade cairá.»

Kruchtchev argumentou, até que Stalin cedeu: «Está bem, já que tem certeza de que a cidade se manterá...»

Mas isto estava longe de ser uma certeza. Antes de abandonar o abrigo, Kruchtchev chamou o General F. I. Golikov, e lhe disse que permane-

cesse como oficial-de-ligação com o 62.º Exército soviético, a única força de combate que restava para negar Stalingrado aos alemães.

Golikov ficou pálido. «Não me deixe para trás», pediu. «Deixe-me ir com o senhor. Stalingrado está condenada.»

TRÊS DIAS depois disso, a 12 de setembro, o General Friedrich Paulus, comandante do 6.º Exército alemão fora de Stalingrado, voou para a cidade de Vinnitsa, na Ucrânia, onde Adolf Hitler tinha estabelecido o quartel-general numa cabana de madeira. Passou várias horas com Hitler, discutindo o *front* de Stalingrado. A cidade, segundo ele, deveria cair em poucos dias.

Muito alto e moreno, Paulus, de 51 anos, era a figura clássica do general alemão. Estava sempre impecavelmente vestido, a qualquer hora, e usava luvas até no campo, porque abominava a poeira. Treinado apenas para o seu trabalho, não cuidava de política. Achava Hitler um chefe excelente e, depois de vê-lo conquistar a maior parte da Europa, considerava-o um gênio militar.

Sua esposa não partilhava de suas convicções. Chamada de Coca pelas amigas, era descendente da realeza romena, e detestava o regime nazista. Quando, no outono de 1940, Paulus levou para casa alguns mapas relativos à planejada invasão da Rússia, Coca protestou que a guerra contra a União Soviética era inteiramente injustificável.

«Que será de todos nós?», perguntou ela. «Quem sobreviverá?»

Tentando acalmá-la, Paulus dissera que a guerra com a União Soviética terminaria em seis semanas. Ela não se tranquilizou e, exatamente como receava, a campanha no *front* de Moscou havia se prolongado pelo terrível inverno de 1941. Entretanto, a despeito das tremendas baixas, devido ao clima e à feroz resistência soviética, os alemães tiveram algumas vitórias em 1942. Sob o comando de Paulus, o 6.º Exército havia iniciado a campanha soviética na primavera, e rapidamente tinha ocupado vários milhares de quilômetros quadrados da Ucrânia. No fim de junho, estava penetrando na estepe, e se dirigindo para Stalingrado.

Castigados pelo feroz avanço nazista, os soldados soviéticos, aterrados, juntavam-se à multidão crescente de desertores. Centenas de milhares afluíam às linhas inimigas; outros milhares fugiam do *front*, e escapavam. Para Paulus, Hitler parecia justificado; ele era mesmo invencível.

Terminada a sua conferência com o *Führer*, Paulus jantou naquela noite com o General Franz Halder, chefe do estado-maior de Hitler. Eram velhos amigos e, tomando um bom vinho, conversaram sobre a vitoriosa campanha do verão.

Halder, diferente de Paulus, considerava a «invencibilidade» de Hitler com cautela. Durante semanas, vinha lembrando ao *Führer* que os indícios da desintegração



vam indecisos e prontos para a matança. Os exércitos de elite do Terceiro Reich nunca haviam sucumbido, em qualquer combate, nos campos de batalha.

Mas, em Stalingrado, como Winston Churchill descreveria, «o eixo do destino havia se invertido». Realmente, ali, às margens do Rio Volga, uma monumental tragédia humana estava se preparando.

soviética eram ilusórios. Moscou ainda resistia, e Leningrado se agarrava desesperadamente à sobrevivência. O inimigo não estava liquidado. E mais, Halder acreditava em que a campanha do inverno anterior havia esgotado a Alemanha. Quase 8.000 mil homens (o equivalente a 80 divisões) tinham morrido em solo soviético. A maioria das divisões germânicas estavam quase exaustas.

Poucos meses antes, Halder havia escrito em seu diário: «A tendência crônica para subestimar a capacidade do inimigo está gradualmente assumindo grandes proporções. Um trabalho sério torna-se quase impossível.»

Seus conselhos só encolerizavam Hitler, que permanecia arrogante na crença de que os soviéticos esta-

Camifícina

O PLANO original de Adolf Hitler não exigia a captura de Stalingrado. Suas forças, que compreendiam o 6.º Exército de Paulus e outros três exércitos, deviam simplesmente avançar para leste, através da estepe empoeirada, até o Volga e, então, virar para o sul, na direção dos campos petrolíferos do Cáucaso. Mas, em julho, o Führer modificou a campanha, depois que o serviço de informações alemão comunicou que os soviéticos tinham poucas divisões seguras na margem oeste do Rio Volga. Concluindo que o exército vermelho não ia oferecer resistência maior em Stalingrado, ordenou que o 6.º Exército tomasse a cidade.

Então, definitivamente confiante, ele começou a alterar sem habilidade o delicado equilíbrio de suas forças, enviando para o Cáucaso outros exércitos que ocupavam importantes posições, e deixando o 6.º Exército se dirigir sozinho para o traiçoeiro interior da União Soviética. Hitler zombou quando Halder lhe mostrou uma estimativa, do serviço de informações, de mais de um milhão de soldados soviéticos ainda não empenhados na luta a leste do Volga — e transferiu mais algumas divisões da frente soviética, mandando-as para a França e para Leningrado, ao norte.

A despeito dessas dificuldades, Paulus avançou para leste triunfalmente e, a 23 de agosto, elementos de seu exército tomaram uma pequena extensão do Volga ao norte de Stalingrado.

No mesmo dia, os alemães fizeram o seu primeiro reide aéreo sobre a cidade. Voando em V perfeito, Stukas e Ju-88 despejaram bombas sobre a populosa zona residencial do centro da cidade. Devido a uma seca prolongada, o fogo se espalhou rapidamente e, em segundos, Stalingrado estava em chamas.

As explosões fizeram ruir a maior parte das casas em volta da Praça Vermelha. O edifício do serviço de abastecimento d'água à cidade desabou com um impacto certo. O centro telefônico desmoronou, e todas as comunicações regulares de telefone foram interrompidas.

Durante o auge dos bombardeios, as autoridades administrativas conse-

guiram fazer funcionar seus serviços numa rede improvisada em porões, mas a cidade propriamente era um caos. Em seu diário, naquela noite, o general da Luftwaffe, Wolfram Freiherr von Richthofen, autoritário e orgulhoso, resumiu assim o efeito das operações de seus pilotos: «Nós simplesmente paralisamos os soviéticos.»

Era verdade. De uma população de 500 mil pessoas, cerca de 40 mil foram mortas nos reides aéreos que os alemães efetuaram nos dias 23 e 24 de agosto.

Tinham sido destruídas as pontes sobre o Volga, e, no dia seguinte, os civis se apinharam no principal ponto de barcas, esperando chegar ao lado oposto do rio. Mas os Stukas voltaram. Não havia onde se esconder; a massa humana no cais avançava e recuava como um pêndulo, primeiro junto das margens, procurando abrigo, depois para fora outra vez, quando os Stukas mergulhavam. Montes de bombas caíam sobre ela, e o chão se tornara escorregadio de tanto sangue.

Os Stukas também avistaram as barcas, e o Volga rompeu numa série de explosões violentas. Num instante, a superfície do rio ficou polvilhada de corpos, balouçando-se lentamente na corrente, que os carregava rio abaixo, em direção ao Mar Cáspio.

Um novo comandante

FINALMENTE, no dia 2 de setembro, as forças de Paulus, ao norte, ti-

nham se unido ao 4.º Exército Panzer, ao sul, envolvendo Stalingrado num semicírculo de homens e forças blindadas. Agora, só o rio e suas barcas ofereciam uma linha de abastecimento para reforços a Stalingrado. Os sobreviventes do 62.º Exército soviético que vagueavam pela cidade procuravam refúgio, não combatem, e o general comandante do exército, Alexander I. Lopatin, perdera a confiança em sua capacidade de salvar a cidade. Quando confessou esse receio a seu superior, o General Andrei Yeremenko, perdeu o posto.

Por essa ocasião, a ravina de Tsaritsa tinha sido abandonada, e um novo quartel-general fora estabelecido no outro lado do Volga, na floresta, em Yamy. Ali, Yeremenko e Kruchtchev mantiveram uma conferência às pressas, para escolher o sucessor de Lopatin. Escolheram o General Vassili Ivanovitch Chuikov, um homem atarracado, com rugas, queixo proeminente e cabelo preto e revoltado. De vontade férrea, ele escarnecia de todos que perdiam facilmente a coragem.

Apresentou-se a Yeremenko às dez da manhã do dia 12 de setembro, no mesmo dia em que Paulus voou para a Ucrânia a fim de conferenciar com Hitler.

«A situação no exército é muito tensa», disse Yeremenko.

Chuikov assentiu: «Pode ficar certo de que eu não o decepcionarei.»

Atravessou o rio para Stalingrado, e se dirigiu de carro à ravina de Tsaritsa, para se encontrar com seu

estado-maior. O quartel-general estava vazio, e ele teve de perguntar aos soldados, nas ruas, o caminho para o novo posto de comando. Alguém lhe disse que havia sido mudado para a colina de Mamaev, um monte pedregoso que se elevava a 102 metros. Antigo cemitério tártaro, passou a ser um local para piqueniques.

Dirigindo através dos escombros, para a colina, Chuikov ficou estabelecido com as frágeis defesas. Compreendeu que os alemães podiam atravessá-las em minutos e, uma vez na colina, dominariam a cidade. Notou também outra coisa: era verão, mas, devido aos bombardeios incessantes, todas as folhas haviam caído das árvores, como se fosse outono.

Avanço para o rio

A 71.ª DIVISÃO alemã entrou no centro de Stalingrado, numa frente de três quilômetros, no dia 14 de setembro. O Capitão Gerhard Münch, de 28 anos, comandava o 3.º Batalhão do 194.º Regimento de Infantaria, enquanto este tentava passar por diversos quarteirões da cidade, e chegar à margem do rio. Se os alemães pudessem tomar as barcas, o envolvimento de Stalingrado seria completo.

Münch pensou que suas probabilidades de chegar ao Volga antes do anoitecer eram excelentes; até aquele momento, seus homens tinham sofrido mais devido ao calor da estepe ou à ação da retaguarda soviética. Mas, desde que haviam en-

trado nas avenidas congestionadas da cidade, as perdas se elevaram acentuadamente. As táticas da *Blitzkrieg* eram inúteis. De janelas de terceiros e quartos andares, atiradores de tocaia crivavam as colunas de balas, enquanto a artilharia ligeira, escondida, abria brechas nas fileiras. Todavia, às duas da tarde, o 3.º Batalhão havia se aproximado até algumas centenas de metros da principal estação de estrada-de-ferro, perto da Praça Vermelha, e Münch recebeu ordens de se apoderar do cais das barcas, no Volga. A despeito das perdas crescentes, manteve-se confiante. Seus homens tinham capturado diversos mensageiros soviéticos, que corriam pelas ruas com mensagens manuscritas. Deduzindo que as comunicações telefônicas do 62.º Exército soviético haviam sido interrompidas, Münch pressupôs que seu batalhão esgotado podia vencer os últimos 800 metros, em direção ao seu objetivo.

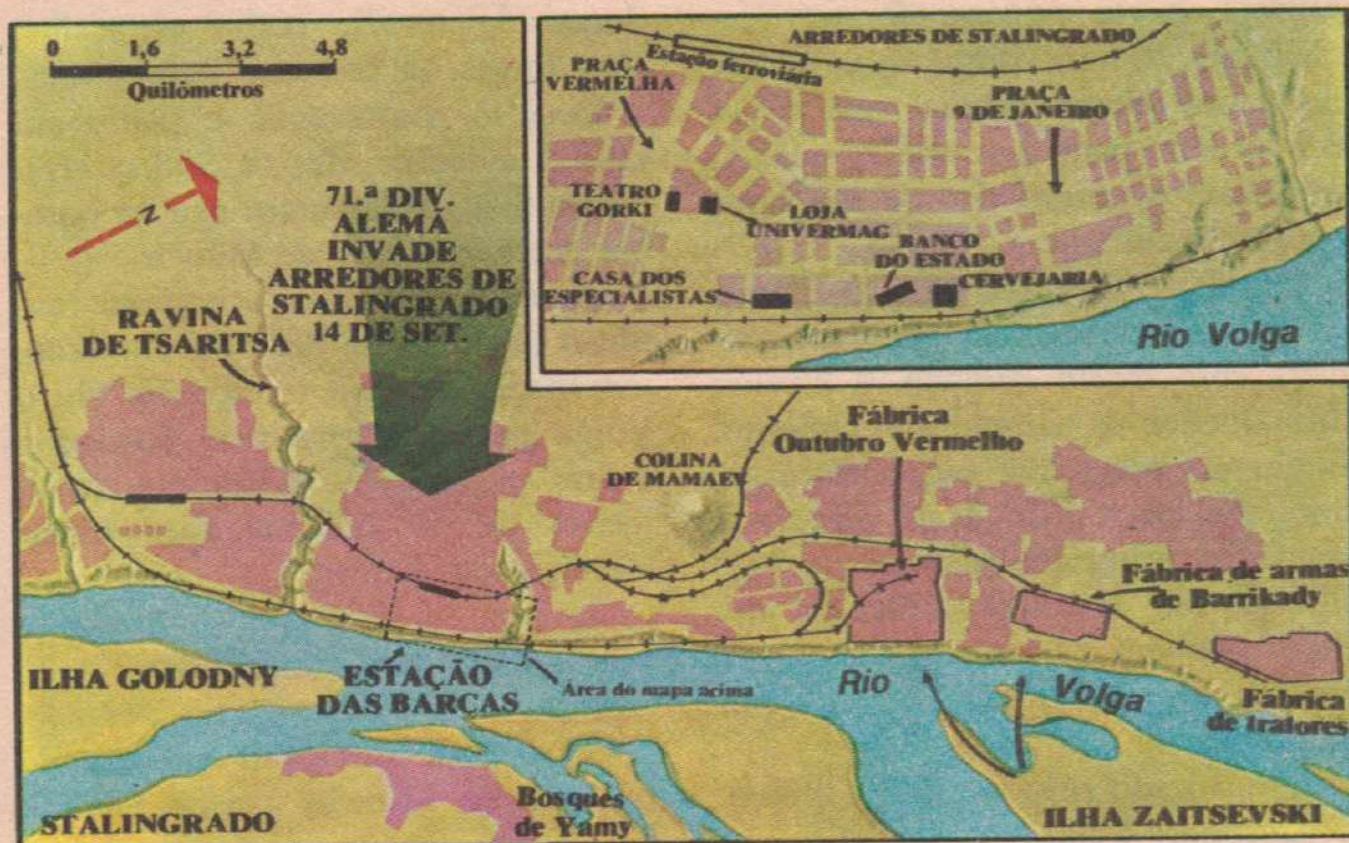
O General Chuikov estava em situação desesperada. Tendo voltado ao abrigo, na ravina de Tsaritsa, acabara de ser informado de que a 13.ª Divisão de Guardas iria em seu auxílio, da margem oposta do Volga, atravessando o rio naquela noite. Mas, nesse meio-tempo, ele *tinha* de manter o cais das barcas.

Convencido de que não podia competir com a potência de fogo dos alemães, Chuikov contra-atacou, criando uma série de minifortes que dominavam vários cruzamentos de ruas. Eram guarnecidos por 1.500 milicianos da NKVD (polícia se-

creta), organizados em esquadrões de 10 e 20 homens. Esses pequenos grupos de assalto deviam agir como «quebra-mares», obrigando as *panzers* nazistas a se aproximarem de estradas já dominadas pela artilharia soviética. Quando os tanques se movessem com dificuldade por essas rotas, enfrentariam o fogo mortífero da artilharia pesada. Com os tanques imobilizados, os grupos de assalto poderiam então atacar a infantaria alemã, desprotegida, atrás das blindagens em chamas. Uma luta assim, quase corpo a corpo, eliminava a ameaça da Luftwaffe, pois os aviadores teriam receio de bombardear suas próprias tropas, e provocar baixas desnecessárias.

Enquanto isso, a cerca de 800 metros do abrigo de Chuikov, um grupo de soldados da NKVD se preparava para o avanço final dos alemães em direção ao rio. Formados em arco, em volta do principal cais de barcas, esperavam que seu comandante, o Coronel Petrakov, retornasse de uma missão de reconhecimento. Para descobrir por onde o inimigo tentava passar, Petrakov e dois ajudantes caminharam bem para o norte, até a Praça 9 de Janeiro. Embora ouvissem o crepitar de armas leves, à distância, não viram nenhum alemão nem foram alvejados. A praça estava deserta, e Petrakov se deixou ficar, alguns instantes, ao lado de um carro abandonado, para avaliar a situação.

De súbito, balas de metralhadora zuniram pelas janelas do carro, obrigando Petrakov a se abaixar para se



proteger. Quase instantaneamente, bombas alemãs explodiram de um lado a outro da praça, e ele caiu inconsciente. Socorrido por seus homens, só foi acordar num túnel às margens do Volga. Os alemães tinham corrido para o rio, disseram-lhe, e haviam tomado uma série de edifícios à margem. Da Casa dos Especialistas (um prédio de apartamentos, para engenheiros), do Banco do Estado e da cervejaria, os alemães estavam gritando: *Rus, Rus, Volga bul-bul!* (Os russos se afogarão no Volga!).

Quando um menino russo entrou pelo túnel, Petrakov, curioso, perguntou seu nome. «Kolia», respondeu ele, e disse ao coronel que o inimigo o enviara para espionar a força soviética. Petrakov sorriu, e pediu a Kolia que, em vez disso,

lhe contasse sobre os alemães. Kolia sabia exatamente quem eram eles: o 1.º Batalhão, 194.º Regimento de Infantaria, 71.ª Divisão, comandado por um Capitão Ginderling. Protegendo o flanco esquerdo de Gerhard Münch, Ginderling tentava também chegar às barcas antes do escurecer.

Ao se aproximar o crepúsculo, Ginderling enviou suas tropas da cervejaria para o cais das barcas, a apenas uns 700 metros de distância. Os 60 homens de Petrakov formaram uma linha de atiradores em volta do cais, lutando duramente, embora suas munições fossem insuficientes. De repente, apareceu um barco a motor, vindo do outro lado do Volga, carregando granadas e caixas de munições. Reabastecidos, os soldados de Petrakov se preparavam então para contra-atacar. O

coronel havia encontrado um canhão de 76 mm, numa rua lateral. Enquanto tentava estudar suas peças, deu ordem para a retirada, quando detonasse o quinto tiro de sua nova peça de artilharia.

Petrakov apontou para o Banco do Estado, carregou a primeira granada com muito cuidado, e alvejou diretamente o edifício de cimento. Enquanto preparava outra descarga, uma lancha roncou atrás dele, trazendo os primeiros reforços da 13.^a Divisão de Guardas. Mas os alemães também os tinham visto, e a lancha foi rapidamente cercada por explosões.

Enquadrado pelo fogo de artilharia, o Coronel Yelin, comandante do 42.^o Regimento de Guardas, saltou da lancha com água pelos joelhos, e correu para o dique. A situação ainda era perigosa, mas o soviéticos não estavam cientes de um fato importante: os próprios alemães estavam à beira do colapso.

Perto da estação da estrada-de-ferro, o Capitão Münch contou seus homens, e compreendeu que a luta de um dia em Stalingrado lhe custara a maior parte do batalhão. Quase 200 dos seus homens estavam caídos, mortos ou feridos, nas ruas que se dirigiam à Praça Vermelha. Naquele momento, a estação da estrada-de-ferro era um obstáculo ainda mais mortífero. Embora os soviéticos ainda não a tivessem ocupado de fato, Münch a receava instintivamente. Escondido em sua vasta rede de trilhos, vagões de passageiros e de carga, um pequeno grupo de atira-

dores, de tocaia, podia esfaquear suas forças, já bastante reduzidas.

Decidiu contorná-la, e pediu auxílio à aviação. Mas os Stukas erraram o alvo, e deixaram cair as bombas entre as tropas de Münch.

Quando escureceu, o capitão reuniu o batalhão na Sede do Governo, inacabada, de cujo terraço ele viu o Volga pela primeira vez. Tornou a contar os efetivos, e viu que tinha menos de 50 homens para tomar a estação das barcas.

«Sou um comunista»

A APENAS uns 450 metros do bivaque de Münch, a 13.^a Divisão de Guardas estava efetivamente na praia. Dois regimentos e um batalhão de outro regimento tinham conseguido atravessar o Volga, através do bombardeio. No escuro, os soviéticos se perderam, e tropeçavam nos escombros dos dias anteriores, mas conseguiram formar uma linha de defesa antes do amanhecer.

A 25.^a Divisão alemã já tinha tomado o cume da colina de Mamaev, onde os dois reservatórios d'água proviam um posto de comando abrigado. Mas as tropas soviéticas ainda mantinham várias posições nas encostas do antigo local de piqueniques, onde cavavam freneticamente. O barulho era horrível. Um soldado soviético comparou-o a duas agulhas de aço entrando pelas membranas dos tímpanos, e indo até o cérebro.

Em seu quartel-general, na ravina de Tsaritsa, Chuikov tentava avaliar a situação na colina, mas isso era im-

possível, com tantas informações contraditórias. O calor no abrigo era insuportável. Encharcado de suor, Chuikov saiu diversas vezes para tomar ar fresco. Metralhadores alemães atiravam ali perto, mas ele

ido para a Espanha em 1936, e lutado com os legalistas contra Franco. Agora, caminhava pela beira do rio, e não podia crer no que via. Stalingrado ardia, ao amanhecer de 15 de setembro. Os barcos, levando



Líderes do 62.º Exército soviético. Da esquerda para a direita: Gen. Nikolai Krylov, chefe do estado-maior; Gen. Vassili Chuikov, comandante; Kuzma Gurov, comissário político; Gen. Alexander Rodimtsev, comandante da 13.ª Divisão de Guardas

não se importava: a balbúrdia dentro do abrigo era ainda pior, e ele preferia ficar cá fora, exposto ao inimigo.

Da pradaria, no lado oposto do Volga, o comandante da 13.ª Divisão de Guardas estava a ponto de atravessar para Stalingrado. O General Alexander Rodimtsev não era um novato na guerra. Sob o pseudônimo de «Pavlito Geshos», tinha

suas tropas para a cidade, estavam sendo reduzidos a pedaços pelo fogo de artilharia. Enquanto Rodimtsev olhava, uma embarcação foi repentinamente envolvida em fumaça, e uma explosão ensurdecadora se alastrou, a partir dela, por mais de 100 metros. Repuxos d'água caíam sobre o rio, e o barco, com seus 65 ocupantes, tinha desaparecido.

Rodimtsev e o estado-maior embarcaram em sua lancha, e se agacharam por trás das amuradas, enquanto ela venciam lentamente a corrente. A metralha batia no costado e «gêiseres» de respingos os molhavam; os tiros erravam por pouco. Por fim, a lancha chegou à principal estação de barcas, e Rodimtsev correu os 400 metros até seu posto de comando, um túnel mal ventilado, com teto de pranchas velhas.

Ansioso para se apresentar a Chuikov, o general levou com ele cinco oficiais do estado-maior, correu pelo dique até o cais, e rumou para oeste, por 800 metros, até o abrigo subterrâneo na ravina de Tsaritsa. Nesta curta jornada, balas mataram três de seus companheiros.

Chuikov abraçou o empoeirado Rodimtsev, e pediu um resumo da situação. A maior parte de sua divisão já havia atravessado, anunciou Rodimtsev, mas estavam faltando cerca de dois mil rifles. Depois que Chuikov tomou providências para satisfazer esta necessidade, indagou a Rodimtsev como se sentia em relação à terrível incumbência que recebera.

«Sou um comunista», respondeu Rodimtsev. «Não tenho intenção de abandonar a cidade.»

Batismo brutal

No DIA 17 de setembro, no quartel-general do 6.º Exército, em Golubinka, 65 quilômetros a oeste de Stalingrado, jornalistas alemães ins-

tavam com o General Paulus para que este lhes permitisse enviar a notícia de que a cidade fora tomada.

Sorrindo, bem disposto, Paulus mostrou-se evasivo, dizendo: «A qualquer momento, tenham paciência.»

Mas, em seus aposentos, o general tocava discos, fumava cigarros continuamente, e tentava amenizar um pouco sua disenteria. Na verdade, perdera a esperança de uma vitória rápida.

Da ravina de Tsaritsa às encostas da colina de Mamaev, os alemães estavam sofrendo com a força renovada de Chuikov. Quase seis mil soldados da 13.ª Divisão de Guardas haviam sido mortos, mas tinham permitido aos soviéticos ganhar vários dias de tempo precioso, que iriam aproveitar para o contra-ataque.

Agora, dos distantes Urais, mais reforços estavam sendo apressados para a cidade sitiada. Uma unidade, a 284.ª Divisão, sob o comando do Coronel Nikolai Batyuk, veio da Sibéria. A maior parte dos homens era composta de orientais da fronteira mongólica, recrutas ingênuos de 18, 19 anos, que nunca tinham visto um alemão. Havia percorrido quase 1.100 quilômetros, em direção a oeste, mascando raízes da planta *smolka*, uma espécie de alcaçuz, como goma de mascar, e engolindo às pressas toda a vodka que puderam encontrar pelo caminho. Começaram a atravessar o rio na manhã brumosa de 22 de setembro.

O Sargento Alexei Petrov atravessou o Volga, e foi designado para o setor norte, perto de Latashanka.

Durante dez dias, recebera instruções apressadas sobre o uso de um canhão de 122 mm; mas, com o tempo se esgotando, o instrutor, exasperado, disse-lhe finalmente que aprendesse sozinho.

Seu batismo de fogo foi brutal. Quase metade do regimento de Petrov morreu ao atravessar o rio. Então, quando chegaram à margem, três sentinelas avançadas foram à frente, para avaliar as forças alemãs. Duas voltaram. Petrov pegou o binóculo, para perscrutar aquela terra de ninguém, em busca do homem que faltava. Lá estava ele, de braços e pernas estendidos, no chão. Os alemães tinham cravado a baioneta de um rifle em seu estômago, e o deixado de rosto para cima, estatelado.

Petrov e seu esquadrão foram tomados de uma fúria cega. Gritando loucamente, correram para o inimigo. Irrompendo pelas casas, atiraram em tudo que se movesse. Quando vários alemães levantaram as mãos se rendendo, Petrov apertou o gatilho de sua arma automática, e matou todos.

No vestíbulo de uma casa, ouviu um alemão gemendo numa das salas de baixo. O soldado rezava: «Oh, Deus, deixai-me viver depois desta guerra.» Petrov abriu a porta com um empurrão, e atirou diretamente no rosto do homem ajoelhado. Então, com olhar selvagem, foi de andar em andar, escancarando portas, procurando uniformes verde-cinza. Ruídos denunciaram alemães em outras salas. Petrov atirou em mais três, e os outros correram escadas abaixo.

Chave da cidade

A 71.^a DIVISÃO alemã continuou avançando, devagar, para a principal estação de barcas. Alguns baluartes ainda se mantinham, mas também acabaram varridos. Na Praça Vermelha, o centro da cidade, os corpos se espalhavam pela grama e calçadas. Poças vermelhas marcavam onde haviam caído. Outros rastros de sangue faziam macabros desenhos nas ruas, mostrando por onde os homens tinham se arrastado para se proteger.

Uma loja de departamentos, a Univermag, estava deserta, destrocada: manequins de vitrines estavam tombados, em estranhas posições; as balas tinham varado seus corpos sem vida. Lá dentro, russos e alemães se amontoavam na morte comum, ao longo das galerias. A loja tinha se tornado um necrotério.

O Soviete da cidade, o Clube do Exército Vermelho e o Teatro Gorki estavam vazios, marcados por buracos enegrecidos de bombas, e janelas escancaradas. Em ruas laterais, outras lojas haviam sido arrasadas. Tomates podres e polpa de melancias se espalhavam pelas ruas. Fragmentos dos corpos se misturavam com legumes; as moscas enxameavam os restos.

No que fora antes um restaurante de luxo, a leste da entrada da ravina de Tsaritsa, os médicos e enfermeiras soviéticos lutavam para retirar os feridos. Na véspera daquele dia, mais de 700 refugiados tinham partido, em barcos que mal podiam navegar. Agora, outros 600 estavam sendo levados para a praia.

Os alemães se arrastavam ali por perto. Suas metralhadoras lançavam um fogo devastador contra as multidões amontoadas nas docas. Soldados soviéticos formaram uma linha de defesa, e mantiveram os nazistas afastados, até que os últimos pacientes se arrastaram debilmente para bordo. Então, os alemães avançaram e, finalmente, a estação das barcas foi tomada. Exceto em alguns bolsões isolados de resistência, o 6.º Exército passou a dominar a margem do Volga, por vários quilômetros, ao norte e ao sul da ravina de Tsaritsa. Só a zona fabril, ao norte de Stalingrado, ainda não fora conquistada.

EM VINNITSA, estas boas notícias não conseguiram animar Adolf Hitler, terrivelmente mal humorado em sua cabana de madeira. Duas semanas antes, ele tinha explodido numa discussão com o General Albert Jodl, sobre a orientação da campanha e, desde então, se recusava a conviver com os homens que o serviam. Endurecido pela «insubordinação» em seu estado-maior, desgostoso com a falta de progresso no Cáucaso e ao longo do Volga, encontrou-se com Franz Halder, a 24 de setembro, e o destituiu. Halder foi para seu alojamento fazer as malas. Mas, antes de partir, escreveu um bilhete curto a seu amigo e aluno Friedrich Paulus, dizendo que havia se «demitido», e agradecendo sua «lealdade e amizade».

Paulus recebeu o bilhete de Halder, exatamente quando seus homens colocavam uma enorme suástica sobre a entrada da loja Univermag.

Mas Paulus não tinha vontade de celebrar nada. A travessia de seis semanas do Rio Don, às margens do Volga, havia custado cerca de oito mil soldados alemães mortos e 31 mil feridos; dez por cento do 6.º Exército se perderam. E mais, ele sabia que a pior batalha ainda não fora travada. Ao norte do cais, na colina Mamaev, duramente disputada, estava a chave da cidade: as fábricas que tornavam Stalingrado tão vital para os soviéticos. Lá, o 6.º Exército enfrentaria o desafio final. E Paulus estava ficando sem homens e munições.

Voltando ao seu alojamento isolado, em Golubinka, na alta margem esquerda do Don, ele ouvia sua vitrola, e tentava aplacar a disenteria. Um tique em seu rosto tornara-se quase incontrolável.

Viagens noturnas

EM SEU quartel-general de trincheira, Vassili Chikov, sufocado, preparava-se para a fase seguinte da ofensiva germânica. O general acabara de receber uma carta de sua esposa, Valentina, que morava em Kuibyshev, a 650 quilômetros ao norte de Stalingrado. Contava ao marido que o tinha visto num cine-jornal, e que os filhos estavam bem. Seu tom era tranquilo e otimista.

Mas o general sabia outra coisa. Um ajudante-de-ordens fora informado de que sua filha mais moça estava sofrendo de disenteria aguda, e de que a família estava tendo grande dificuldade em arranjar ali-

mentos, roupas e outras necessidades. Essas más notícias só aumentaram as preocupações de Chuikov, enquanto lutava com a ameaça permanente da derrota. A tensão começava a cobrar tributo. Seu corpo estava coberto de eczemas, que deixavam úlceras na pele, e o obrigavam a enfaixar as mãos, para absorver a ressudação das lesões.

Felizmente, tropas descansadas vinham chegando, pelas novas travessias do rio, que Chuikov tinha improvisado, depois de perder o cais no centro da cidade. A ligação mais vital era a Travessia 62, um grupo de ancoradouros por trás das fábricas de canhões Outubro Vermelho e Barrikady, onde a maior parte do material bélico e soldados desembarcavam sob paliçadas.

As viagens noturnas pela Travessia 62 eram um choque terrível para os soldados que se juntavam à batalha. A vista de uma cidade em chamas e o troar profundo de milhares de canhões, faziam-nos retroceder instintivamente. Mas os agitadores do Partido Comunista (*politrook*) estavam sempre com eles, trabalhando com zelo para acalmá-los. Os *politrook* precediam o caminho para os barcos, e lá distribuíam panfletos intitulados «Como agir na luta em cidades». Quando os barcos avançavam lentamente pelo rio, os *politrook* se colocavam discretamente em pontos ao longo das balaustradas. Para evitar deserções, mantinham as mãos nos coldres das pistolas.

De sua posição invejável, na colina de Mamaev, os alemães sempre loca-

lizavam esses barcos, e pediam fogo de artilharia. Enquanto as bombas assobiavam ao cair, os *politrook* distraíam a atenção dos soldados, lendo jornais em voz alta, ou distribuindo correspondência. Mas quando alguém era atingido, o trabalho dos *politrook* se tornava impossível. Às vezes, soldados saltavam para o Volga, para fugir. Os *politrook* esvaziavam as pistolas nesses desertores.

Desta maneira, cerca de 100 mil novos soldados foram levados para Stalingrado, em outubro. Mas eram mortos tão depressa que Chuikov apenas podia contar com 53 mil, capazes de manejar uma arma. Em menos de um mês, o 62.º Exército já tinha perdido mais de 80 mil homens.

Duelo na terra-de-ninguém

No MEIO dos preparativos dos dois exércitos, para a luta final pela área das fábricas, um estranho combate pessoal atingiu seu clímax na terra-de-ninguém. Os dois adversários, peritos atiradores de tocaia, se conheciam apenas de nome. Eram o major alemão Konings e o russo Vassili Zaitsev, um homem que aprendera sua arte caçando cervos nos Montes Urais. Os jornais soviéticos já tinham considerado Zaitsev um herói nacional; nos últimos dias, ele havia abatido 40 alemães. Quando a fama de Zaitsev se espalhou, o quartel-general do 6.º Exército convocara Konings de Berlim, especialmente para matar o exímio atirador soviético.

Os soviéticos souberam, pela primeira vez, da presença de Konings, quando um prisioneiro revelou que o major estava perambulando pelas linhas da frente, familiarizando-se com o terreno. Zaitsev não tinha idéia de como seu antagonista trabalhava: sua camuflagem, maneira de atirar, ardis que empregava, nada. Teria de deixar Konings dar o primeiro passo.

Por alguns dias, nada de anormal aconteceu. Então, em rápida sucessão, dois atiradores de tocaia soviéticos caíram, vitimados por simples tiros de rifle. Zaitsev se arrastou até a orla da terra-de-ninguém, entre a colina de Mamaev e a fábrica Outubro Vermelho, e inspecionou o campo de batalha. Por toda parte, Zaitsev e um amigo, Nikolai Kulikov, ficaram encobertos, examinando a região com os binóculos, procurando uma pista. No meio do constante bombardeio diário, eles ignoravam a grande guerra, e procuravam apenas um homem. Mas quando escureceu, Konings não tinha dado uma única pista para a sua posição.

Antes da madrugada do dia seguinte, os atiradores estavam de volta, estudando o campo de batalha. Mais uma vez, Konings não deu sinal. Às primeiras luzes da terceira manhã, Zaitsev e Kulikov tiveram a visita de um agitador político chamado Danilov. Enquanto bombas assobiavam sobre suas cabeças, os soviéticos contemplavam a paisagem, procurando uma pista denunciadora.

De súbito, Danilov se levantou, gritando: «Lá está ele! Eu o indi-

carei a vocês.» Konings acertou um tiro em seu ombro. Enquanto padioleiros levavam Danilov para o hospital, Zaitsev se manteve abaixado.

Quando assestou seu binóculo outra vez no campo de batalha, concentrou-se no setor diante dele. À esquerda, estava um tanque desmantelado; à direita, uma casamata. Ignorou o tanque. Nenhum atirador experimentado usaria um alvo exposto. E a abertura de atirar na casamata tinha sido vedada.

O binóculo de Zaitsev continuava procurando. Passou por uma folha de ferro e uma pilha de tijolos, entre o tanque e a casamata. O binóculo passou adiante, depois voltou a esta combinação estranha. Tentando ler os pensamentos de Konings, Zaitsev concluiu que o entulho inútil era um esconderijo perfeito.

Pendurou uma luva num pedaço de madeira, e ergueu-a devagar. Um rifle espocou, e ele puxou a luva para baixo, rapidamente. Zaitsev tinha certeza: Konings estava sob a folha de ferro.

Kulikov concordou. «Lá está nossa víbora!», murmurou.

Ansiosos para colocar o atirador alemão sob o máximo de luz do sol, a fim de cegá-lo temporariamente, os soviéticos encontraram um ponto onde o sol da tarde ficaria em suas costas. Na manhã seguinte, colocaram-se em seu novo ninho. Kulikov deu um tiro às cegas, para despertar a curiosidade do alemão. A partir daí, os soviéticos ficaram satisfeitos. No fim da tarde, na sombra, eles tinham Konings em desvantagem.

Zaitsev apontou sua mira telescópica para o esconderijo do alemão.

Um pedaço de vidro cintilou, de repente, na beirada da folha de metal. Kulikov levantou o capacete acima de seu esconderijo. Konings atirou uma vez, e Kulikov se levantou, gritando, fingindo-se atingido. Percebendo seu triunfo, o alemão levantou a cabeça ligeiramente, para ver a vítima. Vassili Zaitsev atirou entre seus olhos.

Perigo do norte

POR TODO o mês de outubro, nas três principais fábricas ao norte da colina de Mamaev, os alemães atacaram obstinadamente, tentando liquidar os soviéticos. A 20 de outubro, haviam se apoderado da fábrica de tratores, e investido sobre a enorme fábrica de canhões Barrikady. Mais ao sul, ocuparam o extremo oeste da Outubro Vermelho.

Era uma batalha de casa em casa, de porão em porão, de buraco em buraco. Num período de três dias, Chuikov perdeu 13 mil homens, um terço do resto de suas forças. Só na noite de 14 de outubro, 3.500 feridos chegaram ao ancoradouro do Volga. Enquanto esperavam rebocadores de socorro, o rio espumava com bombas e balas. E quando, finalmente, os barcos chegavam à praia, costumavam não ter um só homem vivo na tripulação para içar os feridos para bordo.

As perdas alemãs também foram severas. Cinco batalhões dos «Pioneiros», contando quase três mil

homens, perderam um terço de sua força em poucos dias. Seu comandante, o Coronel Herbert Selle, reconheceu a devastação, numa carta escrita à família: «Haverá muitas lágrimas na Alemanha. Feliz será aquele que não for responsabilizado por tantos sacrifícios injustificados.» Para Selle, Stalingrado já não valia aquele preço. Sentia que a batalha havia degenerado numa luta pessoal entre os egos de Stalin e Hitler.

A despeito do número de vitórias, os alemães careciam de forças para desalojar os soviéticos da cidade. O *front* paralisara completamente.

Então, do norte do Rio Don, houve um súbito movimento novo. Viajando à noite, em longos trens, das áreas de Moscou e dos Urais, chegaram mais de 200 mil soldados soviéticos descansados. Artilharia pesada, centenas de tanques e quase 10 mil cavalos eram conduzidos por via férrea, para pontos de reunião a 150 e 200 quilômetros a noroeste de Stalingrado. Os oficiais políticos soviéticos trabalhavam incansavelmente para infundir o fanatismo nas tropas. Cada novo soldado se perfilava diante das bandeiras de seu regimento, e recebia suas armas numa cerimônia formal. Músicas marciais eram cantadas, e os funcionários do Partido liam discursos sobre a necessidade de devoção à mãe-pátria.

Os alemães não podiam deixar de admitir que dispunham de poucas forças para prosseguimento das operações; na verdade, logo a 27 de outubro, Paulus foi informado sobre a situação. Desertores soviéticos con-

tavam aos interrogadores sobre a chegada de tropas, não apenas ao Don, mas ao sul de Stalingrado, frente a frente do 4.º Exército Panzer. Os soviéticos, aparentemente, estavam preparando um ataque a ambos os flancos germânicos.

Paulus havia muito se preocupava com tal ameaça. Suas táticas para tomar Stalingrado sempre tinham dependido de armar uma barreira em seu flanco esquerdo, que manteria suas linhas de suprimento abertas, e amorteceria qualquer ataque vindo do norte. Infelizmente, Paulus teve de contar ali com os exércitos de três nações satélites: a Itália, a Romênia e a Hungria.

Mais distantes, na direção noroeste, soldados do 2.º Exército húngaro cavavam trincheiras ao longo do Rio Don. A seguir, homens do 8.º Exército italiano ocupavam outro longo trecho do rio. Por último, vinha o 3.º Exército romeno. O alto-comando alemão tinha inserido os italianos entre as outras duas unidades, para servirem como pára-choques entre inimigos seculares, que eram bem capazes de esquecer os soviéticos e se atirar às gargantas uns dos outros.

Os três exércitos tinham sido reunidos de maneira acidental. As forças húngaras e romenas eram providas principalmente de oficiais políticos sem treinamento de guerra. Os dois exércitos eram assolados por corrupção e ineficiência. O soldado-raso era quem sofria mais. Mal comandado e mal alimentado, suportava privações inomináveis. Os oficiais chicoteavam os subordinados ao me-

nor capricho. Quando a batalha se tornou perigosa, muitos oficiais, simplesmente, voltaram para casa. E, o pior, os homens eram equipados com armas antiquadas, da Primeira Guerra Mundial.

Condições semelhantes predominavam no exército italiano. Coagidos a servir longe da pátria, desconfiados da ligação da Alemanha nazista com a Itália fascista, esses soldados não tinham ido para nenhuma cruzada de *Lebensraum*. Invadiram a União Soviética porque Benito Mussolini negociava os favores de Hitler com os corpos de seus soldados.

Em seu encontro com Hitler, em setembro, Paulus havia pedido ao Führer para lhe dar algumas unidades de apoio que reforçassem as unidades títeres. Hitler prometeu estudar o problema. Mais tarde, Paulus repetiu a Halder seus receios relativos à fraqueza dos exércitos secundários. Halder disse-lhe que tencionava pressionar Hitler sobre o assunto, mas Halder tinha-se demitido.

«É pura loucura»

NA ÁREA entre o Don e o Volga, a oeste de Stalingrado, Paulus tinha concentrado praticamente todas as suas divisões de combate, com o propósito de capturar a cidade. Mas estabelecera a maior parte de seus depósitos de suprimentos de munições na margem oposta do Don. Foi esta área vulnerável da retaguarda que o alto-comando soviético designou como alvo prioritário para a primeira fase da «Operação Urano».

Às 6:30 da manhã de 19 de novembro, o alvor da madrugada, entre Serafimovich e Kletskaya, transformou-se num resplendor de chamas alaranjadas e vermelhas, quando 3.500 canhões soviéticos iniciaram o ataque. Soldados romenos, apanha-

Quando o canhoneio cessou, finalmente, enormes tanques T-34 irromperam através da néblina e neve, pelas linhas dos perplexos romenos. A maior parte não resistiu, com medo dos tanques, e correu. Sem armas, gritando, correram sem mais parar.



Luta de rua em Stalingrado, outubro de 1942

dos nas trincheiras, viam as explosões da artilharia percorrerem suas linhas de ponta a ponta. Abrigos desabaram, sufocando centenas. Homens com traumatismos causados por explosões de granadas tapavam os ouvidos para fugir ao barulho aterrador que quase os fazia enlouquecer.

Em Golubinka, 80 quilômetros ao sul, Paulus e o General Arthur Schmidt, seu chefe do estado-maior, receberam calmamente a notícia do ataque. Os dois generais analisaram a situação, e Schmidt decidiu: «Podemos resistir.» Paulus concordou, e ordenou que a 48.^a Unidade Panzer,

sob o comando do General Ferdinand Hein, rumasse para o norte, na brecha ao longo do Don.

Dois mil quilômetros a oeste, Hitler se divertia em Berghof, seu retiro de montanha, nos Alpes Bávaros. Numa silenciosa sala de conferências, examinava com interesse os últimos mapas das batalhas, e observava o terreno do flanco esquerdo do 6.º Exército. Sem pressa, tranqüilo, avaliou as opções, e deu uma ordem. Foi a primeira das muitas decisões fatais que tomaria depois.

Aquela ordem dava instruções ao General Heim que corresse para Blinov, ao sul, onde os soviéticos tinham feito outra penetração importante. Heim deteve-se prontamente, e encaminhou suas colunas ineptamente para o objetivo — quase 180 graus na direção oposta do objetivo escolhido por Paulus.

Nenhum avião interferiu no drama nas planícies, pois o mau tempo (neve e frio) imobilizara as duas forças aéreas. Durante todo o dia, os tanques soviéticos percorreram as estepes brancas, atirando em depósitos de suprimentos e centros de comunicações, e depois recuando na neblina para atacar de novo, quilômetros adiante. Suas táticas confundiram e desmoralizaram os alemães. As informações pela rádio, que inundavam Golubinka, situavam os soviéticos a 65 quilômetros para o sul do Don, a 80 quilômetros para sudeste, em toda parte! O histerismo se caracterizava nas vozes que telefonavam para o quartel-general do 6.º Exército pedindo instruções.

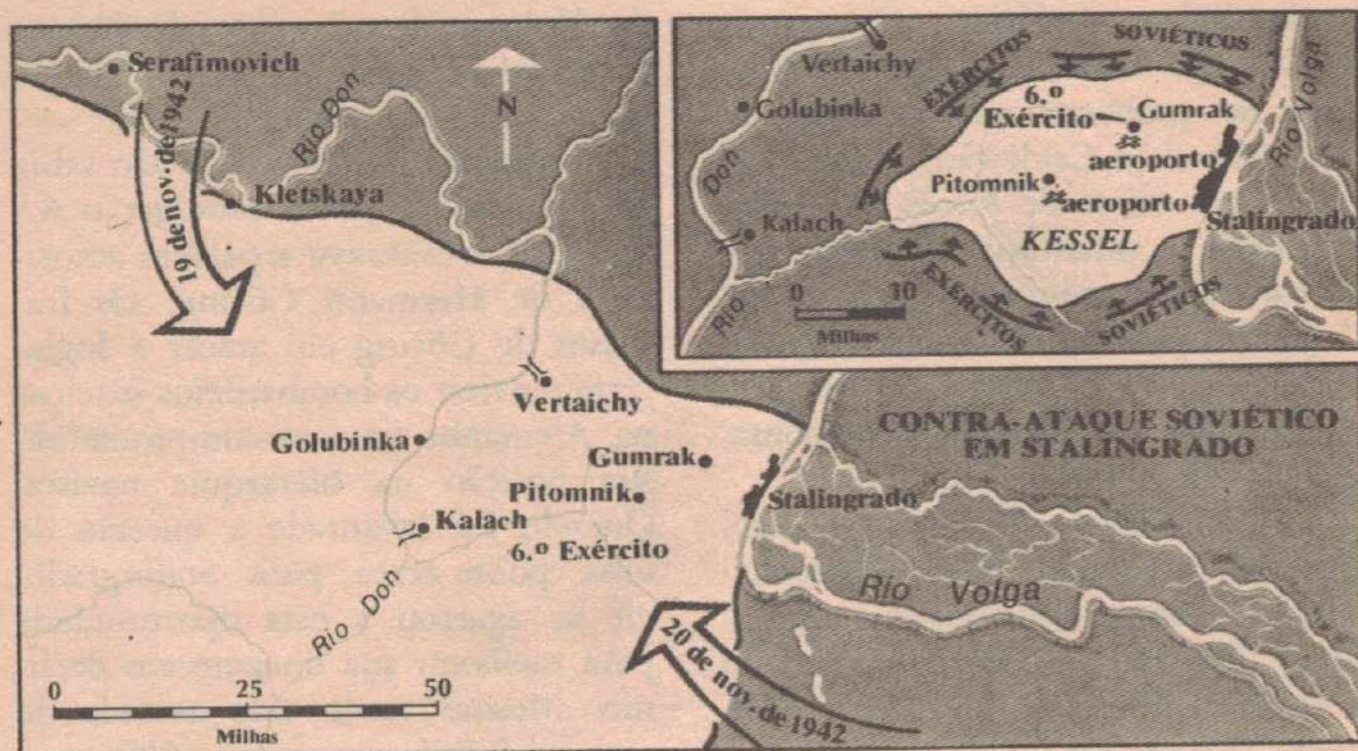
A disciplina se quebrou. Comandantes de unidades, arbitrariamente, ordenavam que seus homens avançassem para leste, para Stalingrado. Seus soldados estavam amedrontados, pessimistas e francamente hostis aos superiores, que corriam de um lado para o outro ameaçando submetê-los a cortes marciais, para manter a ordem.

Ao sul de Stalingrado, três exércitos sob o comando de Yeremenko se concentravam ao longo de uma frente de 200 quilômetros, para a segunda fase da contra-ofensiva soviética. Às 10 da manhã do dia 20 de novembro, a artilharia de Yeremenko começou a atirar, e o 4.º Exército romeno, que o enfrentava, fugiu desordenadamente. Em poucas horas, o estupefato Yeremenko telefonou para Moscou, informando que 10 mil prisioneiros tinham sido feitos. O quartel-general exigiu que ele tornasse a conferir suas cifras. Estavam corretas.

Desorientado com a ruptura dos dois flancos, o General Paulus recomendou a retirada do 6.º Exército, do sudoeste do Volga para uma posição mais defensável.

Mas o Führer tinha um ponto-de-vista diferente, e respondeu com uma ordem brusca: «O 6.º Exército manterá as posições, apesar da ameaça de envolvimento temporário. Serão dadas ordens especiais, relativas a suprimentos aéreos.»

Enquanto Paulus e Schmidt refletiam sobre esta mensagem, o Brigadeiro Martin Fiebig, comandante da 8.ª Unidade Aérea, telefonou.



Ouvindo que um exército completo teria de ser suprido por via aérea, Fiebig desligou, e imediatamente telefonou para seu chefe, o General von Richthofen, que então se comunicou com um emissário do Reichsmarshal Hermann Göring. «Tem de deter isto!», esbravejou Richthofen. «Com o tempo horrível que temos aqui, não há esperança de suprir um exército de 250 mil homens por avião. É pura loucura!»

Naquela noite, os ventos ininteruptos que uivavam sobre as estepes transformaram montes de neve em pequenas cadeias de montanhas, por toda a planície. A temperatura caiu, e o céu prometia ainda mais neve.

Às duas da tarde de 22 de novembro, Paulus e Schmidt, que tinham voado para um centro de comunicações a oeste de Stalingrado, voltaram ao campo-de-pouso Gumrak, na orla da cidade. Voando sobre o grosso

de suas tropas, encurraladas entre o Don e o Volga, os generais viram as fogueiras brilhantes que se formaram, quando os homens do 6.º Exército começaram a queimar equipamento desnecessário.

Transporte aéreo desorganizado

A PONTE em Kalach, rota de retirada dos alemães que atravessavam o Don, foi tomada pelos soviéticos no dia 22. No dia seguinte, tanques soviéticos, vindos do sul, juntaram-se às forças vindas do norte.

Quase histéricos de alegria, os soldados dançavam na neve, para celebrar um triunfo incrível. Em menos de 96 horas, tinham armado uma arapuca em torno de todo o 6.º Exército alemão. Dentro daquele «bolsão», estavam mais de 250 mil soldados alemães aprisionados, isolados numa vasta planície de neve.

As linhas soviéticas, entretanto, eram ainda fracas, e o General Paulus logo se preparou para escapar do *Der Kessel* (o Caldeirão). Tinha formado um ariete de forças blindadas, artilharia e infantaria montada, que forçaria a passagem em direção ao sul.

Porém passaram-se horas, e Paulus não ordenava o ataque. Hitler não tinha dado sua bênção à manobra. Paulus telegrafou de novo:

«*Mein Führer*: Munições e combustível acabando. Um reabastecimento a tempo e adequado é impossível. Em face da situação, solicito completa liberdade de ação. *Hei, mein Führer!* Paulus.»

Enquanto esta mensagem era transmitida, um dos generais de Paulus, Walter von Seydlitz-Kurzbach, ordenou que a 94.^a Divisão de Infantaria evacuasse seu setor, na zona nordeste do bolsão. Seu propósito, sem nenhuma autorização, era fazer debandar em pânico as unidades germânicas vizinhas, levando-as a retiradas semelhantes, o que, por sua vez, forçaria Paulus a ordenar um êxodo do *Kessel*.

Mas quando a 94.^a Divisão abandonou sua posição, o 62.^o Exército soviético caiu sobre ela. Surpreendida, em campo aberto, sem defesa contra as ondas de atacantes do Exército Vermelho, a 94.^a Divisão foi aniquilada pela madrugada.

As notícias levaram Hitler ao furor. Gritando contra Paulus por desobedecer às suas ordens de manter a posição, enviou uma mensagem ao quartel-general do 6.^o Exército, sob o título «*Führerbefehl*» (a mais alta prioridade), declarando: «Frente atual

do Volga e frente norte devem ser mantidas a qualquer custo. Suprimentos irão via aérea.»

Entretanto, Hitler ainda não sabia se a Luftwaffe podia proteger o 6.^o Exército, e esperava a palavra autorizada de Hermann Göring. Os fracassos de Göring em atacar a Inglaterra e evitar os bombardeios maciços na Alemanha haviam comprometido sua posição na hierarquia nazista. Quando foi levantada a questão de uma ponte-aérea para Stalingrado, ele se agarrou a essa oportunidade para melhorar sua imagem em declínio. Mesmo tendo sido avisado de que o 6.^o Exército exigiria 500 toneladas por dia, ele se vangloriou: «Posso cuidar disso!»

E, assim, horas preciosas foram perdidas. Em poucos dias, 60 formações soviéticas estavam acampadas no perímetro do *Kessel*. Ao sul e oeste, mais 80 unidades do Exército Vermelho estavam prontas para repelir qualquer tentativa alemã de lutar e chegar até Paulus.

Enquanto isso, nas bases aéreas mais próximas de Stalingrado, pilotos alemães lutavam para fazer com que a ponte-aérea desse resultado. Trimotores Ju-52 vinham de campos diferentes. Alguns eram velhos e não mereciam confiança; outros não tinham metralhadoras nem rádios. As tripulações eram compostas por indivíduos desde veteranos a recém-graduados de escolas de treinamento na Alemanha.

A 25 de novembro, os primeiros aviões levantaram vôo para Pitomnik, o campo-de-pouso dentro do *Kessel*.

Por dois dias, lutaram para entrar e sair, levando combustível e munições. No terceiro dia, 27 de novembro, o tempo interrompeu todas as operações, e o General Fiebig somou os insignificantes totais. Nas primeiras 48 horas, só 130 toneladas tinham sido entregues. Pesaroso, escreveu em seu diário: «Uma tempestade de neve se sucede à outra. A situação é desesperadora.»

O General von Richthofen concordou inteiramente. Já sem esperanças na ponte-aérea, telefonou aos ajudantes-de-ordens de Hitler, para avisar que o 6.º Exército tinha de lutar para sair dali, antes que lhe faltassem meios para se movimentar. Richthofen pediu a esses homens que submetessem sua opinião a Hitler. Eles o fizeram, mas Hitler se recusou a ceder. «Se o 6.º Exército deixar Stalingrado», declarou Hitler, «nunca mais a teremos de volta.»

Quando Richthofen ouviu este veredito, compreendeu que ele e os outros comandantes «não passavam de oficiais bem pagos, mas sem prestígio».

A 30 de novembro, 40 bombardeiros He-111 se juntaram aos transportes Ju-52, na corrida para Stalingrado. Os homens avançavam para os aviões logo que eles aterravam, descarregando o equipamento, e até extraíndo a gasolina sobressalente dos tanques das asas, por meio de sifões, para reabastecer o suprimento de combustível do *Kessel*. Naquele dia, chegaram quase 100 toneladas de suprimentos. Encorajado, Paulus pensou que a Luftwaffe iria satisfazer suas necessidades; mas tal não

se deu. Outra frente-fria avançou e, nos dois dias seguintes, os aviões quase não puderam pousar.

Todavia, apesar de continuar o cerco, a disciplina e a organização do 6.º Exército permaneceram excelentes. As estradas estavam sempre limpas de neve. Depósitos de comida e de combustível distribuíam os suprimentos racionados de maneira bastante eficiente. Os hospitais funcionavam com um mínimo de confusão, mesmo com quase 1.500 novos feridos por dia. No campo-de-pouso Pitomnik, os feridos eram retirados pelos Ju-52 e He-111, numa média de 200 por dia, e observados pelos médicos, que tentavam evitar que os soldados simulassem doenças a fim de voarem para a liberdade.

Considerando-se a gravidade da situação, o 6.º Exército estava se comportando bem melhor do que se poderia esperar, mas os sinais de decadência tornavam-se evidentes. A 9 de dezembro, dois soldados tombaram — eram as primeiras vítimas da fome.

«Depois da tempestade, a bonança...»

HITLER não abandonara completamente o 6.º Exército. Em 21 de novembro, ele enviara o Marechal-de-campo Erich von Manstein, o vitorioso da França, para auxiliar Paulus. Entretanto, a primeira tarefa de Manstein foi abrir um corredor desde o sul até o 6.º Exército, de modo que os suprimentos pudessem entrar. Em momento algum recebeu ordens de retirar o exército.

O avanço de Manstein não começou senão em 12 de dezembro e, no fim, foi inútil; pois, exatamente quando parecia perto do sucesso, Hitler mandou retirar as forças enviadas para apoiar um exército italiano em colapso, ao norte.

Entretanto, a estepe ia se tornando um cemitério de aviões despedaçados. O número de vôos diários era impressionante, mas as cifras escondiam o fato de que suas cargas não estavam atingindo as tropas dentro do *Kessel*. O mau tempo contínuo forçava os aviões a cancelar as missões. Os caças soviéticos tinham começado a atacar as pistas, e as baterias antiaéreas foram reforçadas.

Falhas humanas provocaram outra série de contratempos. Como a Luftwaffe se recusara a deixar que os oficiais de intendência supervisionassem as cargas dos transportes que iam para Stalingrado, soldados esfaimados, em Pitomnik, abriam pequenos caixotes de mercadorias. Um dia, foram milhares de capas protetoras de celofane para as granadas-de-mão — mas sem granadas; em outro, quatro toneladas de manjerona e pimenta, numa ocasião em que as tropas estavam comendo ratos. O mais incrível de tudo foi um carregamento de milhões de anticoncepcionais.

Por essa ocasião, os alemães, em Stalingrado, estavam surripiando proteínas desesperadamente. Certo dia, o Capitão Heinz Neist, de 31 anos, encontrou um oficial que lhe sorriu maliciosamente, e perguntou: «Quer alguma coisa para comer?» Neist, agradecido, aceitou a oferta, e sen-

tou-se diante de um prato cheio de batatas, carne e molho. Quando olhou cautelosamente para o banquete, o oficial sorriu: «Pode me acreditar», disse, «não é um ser humano.» Neist estava morrendo de fome, e comeu tudo que havia no prato. A carne sabia a vitela, mas só quando terminou é que perguntou o que era. O oficial lhe disse que era o último de seus cães Doberman.

NO DIA 18 de dezembro, Paulus inspecionou a frente. Isto o deixou extremamente deprimido, pois viu provas crescentes do declínio físico de suas tropas. Os homens se moviam devagar, e eram indiferentes aos comandos. Seus rostos pareciam angustiados. Com olhos fundos e malares salientes, muitos contemplavam o vazio. O desencorajado Paulus foi para seu alojamento, onde escreveu uma carta à esposa, Coca. Não querendo sobrecarregá-la com seus problemas, fez as perguntas de sempre, sobre seu bem-estar e o dos filhos, e depois terminou com otimismo: «Precisamente agora, estamos tendo muitas dificuldades, mas sobreviveremos. Depois da tempestade, virá a bonança...»

Regime de fome

ANIMADOS com a falsa esperança de que Manstein viria, os soldados do 6.º Exército suportavam o racionamento e o tempo gelado com notável estoicismo. No entanto, o Natal só trouxe a certeza de que o *Kessel* seria provavelmente o seu túmulo.

Os solitários soldados alemães passaram as últimas horas do dia de Natal perto dos rádios, tentando sintonizar um programa qualquer de ondas-curtas, da terra natal. Tiveram o prazer de ouvir uma das iniciativas do ministro da propaganda Joseph Goebbels, o programa radiofônico «Transmissão em cadeia», supostamente irradiado de algum ponto no território do Terceiro Reich.

«E agora, de Narvik», anunciou a voz do locutor, no meio de um coro de marinheiros que prestavam serviço naquele porto da Noruega. «E da Tunísia», disse outra voz, desta vez para anunciar a canção de Natal *Stille Nacht*. «E de Stalingrado!», disse Goebbels, de súbito. Enquanto milhares de soldados dentro do *Kessel* olhavam uns para os outros, com incredulidade, irrompeu no rádio uma melodia, para assegurar aos patrícios em casa que tudo estava indo bem no Volga.

As defesas físicas e morais começaram a ruir, e os débeis ocupantes da praça-forte de Stalingrado começaram a perder sua capacidade de resistir. As medidas drásticas estabelecidas por Paulus para preservar o suprimento de alimentos só aumentavam o desespero. O general sitiado não tinha escolha, mas esperou passar o Natal para anunciar um regime quase de fome: pão, menos de 60 gramas por dia; almoço, sopa sem gordura; jantar, uma lata de carne em conserva, quando houvesse; se ainda tivessem fome, mais sopa.

A escassez de víveres foi um golpe mortal na capacidade de resistência

dos homens. Plenamente convencido disto, Paulus tentou mais uma vez lembrar a seus superiores que todo o exército estava à beira da extinção: «Solicito medidas enérgicas de socorro imediato, a não ser que a situação exija o sacrifício do exército...»

Pela primeira vez, Paulus reconheceu a possibilidade sombria de que o 6.º Exército podia ser um «peão» destinado ao sacrifício, no sinistro jogo de xadrez de Hitler. Somente no dia de Natal, 1.280 soldados morreram no *Kessel*. E, quando se aproximava o Ano Novo, as estradas de Pitomnik se obstruíram com a nevasca.

Um dos visitantes freqüentes do campo-de-aviiação era o Major Coelestin von Zitzewitz, oficial-de-ligação de Hitler. Longe de ser um homem servil, o major apresentou relatórios realistas da derrocada que estava presenciando. Ia a toda parte: aos abrigos individuais da linha de frente, aos hospitais e depósitos de munições, e até aos abrigos escuros e úmidos, onde a falta de combustível produzia resfriados, pneumonias e outras doenças nos soldados. Sentou-se entre ratos e ratazanas vorazes, e viu, horrorizado, quando caíram sobre um soldado cujos pés estavam ulcerados pelo frio. Enquanto o homem dormia, seus dedos eram roídos.

O major não poupou argumentos a fim de alertar Hitler para a verdade, mas seu relatório teve um impacto não previsto no *Wolfsschanze* (Covil do lobo), no leste da Prússia.

«É impossível que algum oficial alemão possa ser o autor de mensa-

gens derrotistas como esta», declarou o Reichsmarchal Hermann Göring. «A única explicação possível é que o inimigo teria capturado o transmissor, e ele próprio enviou a mensagem.»

E assim, os relatórios de Zitzewitz eram rejeitados, e tidos como propaganda soviética.

As 10 da noite de 31 de dezembro, a artilharia soviética em volta do *Kessel* explodiu numa saudação furiosa ao Ano Novo. Como por milagre, uma ponte de gelos flutuantes havia se formado sobre o Volga, e centenas de caminhões de suprimentos atravessavam agora o rio diariamente. No meio do rio, chefes de tráfego orientavam os comboios de alimentos para os depósitos nas margens. Caixotes de comida enlatada norte-americana começaram a inundar os abrigos individuais, ao longo da linha de defesa, desde a ravina de Tsaritsa até a fábrica de tratores. As munições se amontoaram, a ponto de metralhadores atirarem granadas antitanques em alemães isolados.

Na noite de Ano Novo, a disciplina no 62.º Exército, agora revitalizado, foi abrandada e, ao longo da margem do Volga, oficiais soviéticos de alta patente deram festas em honra de atores, músicos e bailarinos, que visitavam Stalingrado para entreter as tropas. Um dos artistas, o violinista Mikhail Goldstein, em vez disso, foi às trincheiras, a fim de tocar para os soldados.

Goldstein nunca havia visto um campo de batalha como Stalingrado: uma cidade inteiramente arrebatada

por bombas e artilharia, juncada de esqueletos de centenas de cavalos, inteiramente limpos pelo inimigo esfaimado. Chocado, Goldstein tocou como nunca havia tocado antes, hora após hora, para homens que obviamente adoravam sua música. E, embora todas as composições alemãs tivessem sido banidas pelo governo soviético, Goldstein duvidava de que algum comissário protestasse na noite de Ano Novo. As melodias que ele tocou saíam pelos alto-falantes para as trincheiras alemãs, e os tiros pararam de repente.

Quando ele terminou, um silêncio profundo pairou sobre os soldados soviéticos. Então, de um alto-falante, no território germânico, uma voz quebrou o silêncio. Falando muito mal o russo, alguém solicitou: «Toque mais Bach. Não atiraremos.»

Goldstein pegou seu violino, e começou uma alegre gavota de Bach.

Um mundo de homens mortos

NOS PRIMEIROS dias de janeiro, os postos de observação alemães, ao longo dos lados sul e oeste do *Kessel*, enviaram por telefone as notícias alarmantes de novas forças soviéticas. Mas os alemães eram impotentes para interferir. As munições tinham de ser economizadas para um ataque efetivo.

Sabendo que o inimigo estava abatido, os soldados soviéticos montaram imensas cozinhas de campanha, das quais o aroma de comida quente era impelido para os abrigos individuais do 6.º Exército. Esta tortura foi

pior para os alemães do que ver os tanques e metralhadoras que significavam o desastre iminente.

O ataque foi logo depois das 8 da manhã de 10 de janeiro, o 48.º dia do *Kessel*, quando sete mil canhões soviéticos troaram em uníssono. Depois de duas horas, o bombardeio soviético rebentou o perímetro alemão como se fosse uma casca de ovo e, ao fim do dia, o 6.º Exército debandava para Stalingrado. O *Kessel* começou a diminuir visivelmente. Oito divisões já tinham sido destruídas. Só a 29.ª Divisão Motorizada mantinha força suficiente para combater o inimigo do lado do bolsão. Poucos dias depois, o campo-de-pouso de Pitomnik foi invadido. O fim estava quase chegando.

Com o desaparecimento de Pitomnik, o aeroporto de Gumrak, num extremo de Stalingrado, ficou abarrotado por milhares de feridos. Caminhões carregados de homens mutilados paravam nos hospitais, mas quando os motoristas eram mandados embora, por não haver vagas para os feridos, deixavam sua carga ali mesmo, sem atendimento. A temperatura caiu a 29 graus abaixo de zero, e os feridos congelavam até a morte a poucos metros das mesas de operações.

Quando um oficial da Luftwaffe desceu em Gumrak, na manhã de 19 de janeiro, foi imediatamente chamado ao abrigo do comando.

«Por que cargas dágua a Luftwaffe prometeu nos auxiliar?», rugiu Paulus. «Se alguém me tivesse dito que não era possível, eu teria saído,

quando tinha certeza de que estava suficientemente forte para fazê-lo.»

Tratando com desdém as explicações do oficial, Paulus continuou: «Estamos falando de um mundo muito diferente do seu, pois o senhor está falando com homens mortos. Daqui em diante, nossa única existência será nos livros de história.»

A 22 de janeiro, Paulus tentou convencer Hitler de que a rendição era o único recurso. Hitler recusou: «A capitulação é impossível. As tropas defenderão suas posições até ao fim.» Sabendo disto, Paulus deixou Gumrak, e foi para um porão em Stalingrado.

Naquele mesmo dia, o Capitão Gerhard Münch, que durante tanto tempo tinha lutado para chegar a Stalingrado, viu algo de que nunca se esqueceria. Tinha recebido ordens de deixar o *Kessel* (certos especialistas estavam sendo mandados para fora para formar novas unidades), mas quando três Ju-52 chegaram, inúmeros feridos correram para as portas do avião. Agadanhando-se uns aos outros, empurravam os fracos para baixo da pilha, e se içavam para dentro do aparelho.

Quando Münch subiu, com dificuldade, para seu avião, a metralha caiu sobre a multidão. O piloto acelerou o motor, e tentou decolar, mas não pôde. Olhando pela janela, Münch viu quase 50 homens deitados nas asas, agarrando-se a tudo que podiam. À proporção que o Ju-52 ganhava velocidade, os homens iam caindo um a um, e rolavam com o vento produzido pela hélice. Des-

pojado da sua carga, o avião se ergueu rapidamente e se afastou do Volga.

Na manhã de 24 de janeiro, a «Estrada da Morte», como os motoristas de caminhão chamavam a estrada para Stalingrado, era uma pista de oito quilômetros de neve, coberta por sangue congelado, deixado pela passagem do 6.º Exército para sua posição final. Agora, mais de 100 mil alemães tinham se lançado nos negros porões de Stalingrado.

Encurralados nos subterrâneos, os alemães ouviram medrosamente os passos dos soldados soviéticos. Mas estes já não tinham pressa, e se moviam cautelosamente sobre os montes de escombros cobertos de neve. Em inúmeros pequenos combates, nas ruas da cidade, a ordem «*Raus! Raus!*» ecoava, quando os tiros paravam, e alemães saíam de suas tocas com as mãos ao alto.

Outros, no momento, escondiam o medo de ser capturados, enquanto travavam outra batalha feroz com os piolhos. Os parasitas cinzentos infestavam os porões. Multiplicando-se rapidamente na sujeira, eles se espalhavam da cabeça aos pés, numa busca voraz de alimento. Ávidos, insaciáveis, levavam suas vítimas às raias da loucura.

O quartel-general do 6.º Exército mudou-se para a loja de departamentos Univermag, na Praça Vermelha. Dos edifícios em volta da praça, só restavam as paredes. Paulus passou por essas ruínas, e desceu uma rampa para o depósito subterrâneo. Enquanto ajudantes-de-ordens montavam uma sala de rádio, o

general se retirou para um cubículo onde havia uma cama de campanha, e se atirou nela para descansar. Uma janela de grade lançava uma luz pálida em seu rosto ossudo e barbado.

Na guarnição militar central, agora transformada em hospital, a 1.600 metros da Univermag, três mil feridos alemães permaneciam sob um vento impietoso, que açoitava as paredes destroçadas do edifício. Sem medicamentos suficientes para tratar de todos, os médicos colocavam os mais gravemente feridos na orla da multidão, para que morressem de frio.

Envolvendo o enorme edifício pelos quatro lados, havia uma pilha de corpos de quase dois metros de altura. Quando os soldados paravam para pedir comida, a obtinham em troca de dispor os cadáveres, em pilhas bem arrumadas, como travessas de estrada-de-ferro.

Na noite de 28 de janeiro, morteiros soviéticos caíram sobre a guarnição e a incendiaram. As paredes do hospital ficaram rubras de calor, arquearam-se para fora e seções inteiras desabaram na rua. Pelas aberturas, testemunhas horrorizadas viram doentes em pânico, arrancando as ataduras incendiadas.

Em inúmeros porões, os soldados, já perto do fim, pediam pistolas, apontavam-nas sobre as têmporas, e abriam fogo. Os piolhos, que tinham vivido neles durante semanas, deixavam rapidamente os corpos que esfriavam, e passavam para outras camas, como se fossem cobertores cinzentos, móveis.

Por fim, a 30 de janeiro, o comandante da 71.^a Divisão dirigiu-se a Paulus, e disse: «A divisão já não é capaz de oferecer resistência. Os tanques soviéticos estão se aproximando da loja de departamentos. O fim chegou.»

Paulus voltou à cama, perto da qual estava sentado seu ajudante, o Coronel Wilhelm Adam. Nenhum dos dois falou, por algum tempo. Finalmente, Adam disse: «Senhor, precisa dormir agora. De outra forma, não estará em condições de suportar os infortúnios de amanhã.»

Logo depois da meia-noite, Paulus se esticou para tentar dormir, e Adam se dirigiu ao comandante da 71.^a Divisão, para perguntar se havia novidade na marcha dos acontecimentos. «Um tanque vermelho está estacionado numa rua lateral, com o canhão voltado para nós», disse o oficial. «Comuniquei imediatamente ao General Schmidt. Ele disse que devemos impedir a qualquer custo que o tanque atire. O intérprete deve se dirigir ao comandante do tanque com uma bandeira branca, e propor negociações.»

Adam voltou ao quarto, onde olhou para seu comandante adormecido. Suas relações com Paulus tinham se tornado quase de adoração, e Adam já não conseguia ver os defeitos de Paulus. Adam ponderava sobre os eventos que tinham esmagado uma carreira militar tão brilhante. Decente e honrado, Paulus havia se subordinado completamente às exigências de Hitler. Ao fazer isto, perdera o controle de seu destino.

«Isto termina tudo»

O FÜHRER empregou um último ardil para salvar alguma coisa da derrocada. Ordenou uma chuva de promoções no 6.^o Exército, para os oficiais graduados, muito especialmente a que fez de Paulus um marechal-de-campo. Nenhum marechal-de-campo alemão se rendera até então, e Hitler esperava que Paulus compreendesse sua idéia e se suicidasse.

Paulus não o fez. Antes da madrugada, seu intérprete saiu pela praça escura, em direção ao tanque, onde um jovem tenente, Fyodor Yelchenko, estava de pé em sua torre.

«Nosso comandante quer falar com o seu chefe», disse o alemão.

Yelchenko sacudiu a cabeça e disse: «Nosso chefe tem outras coisas a fazer. Não está disponível. Terá de tratar comigo.»

Depois de concordarem em três representantes soviéticos, o grupo se dirigiu ao porão da Univermag. Schmidt pediu que os soviéticos tratassem Paulus como um cidadão especial e o escoltassem num automóvel, para protegê-lo de soldados vingativos do Exército Vermelho. Yelchenko concordou, e eles o levaram pelo corredor até um cubículo. Yelchenko entrou, e foi à presença de Friedrich Paulus, barbado, mas impecável, em uniforme completo.

O soviético não perdeu tempo com formalidades: «Bem, isto termina tudo», disse à guisa de saudação. O marechal-de-campo, desalentado, olhou em seus olhos, e concordou humildemente.

A BATALHA de Stalingrado terminara. Em cinco meses de luta, 99 % da cidade se transformaram em entulho. Mais de 41 mil residências, 300 fábricas, 113 hospitais e escolas tinham sido destruídos. Mas o tributo humano foi muito pior, pois a batalha foi o maior banho de sangue militar da história — cerca de dois milhões de homens e mulheres mortos.

A perda de soldados do Exército Vermelho foi de 750 mil mortos, feridos e desaparecidos. Os alemães perderam quase 400 mil homens. Os italianos, mais de 130 mil. Os húngaros e romenos juntos perderam aproximadamente 320 mil.

Quanto aos civis, um rápido censo revelou que, de mais de 500 mil habitantes do verão anterior, restaram apenas 1.500. A maioria deles tinha morrido nos primeiros dias, ou deixado a cidade. Ninguém soube quantos haviam sido mortos, mas as estimativas foram apavorantes.

A maior percentagem das forças do Eixo não foi morta em combate. Quando o 6.º Exército se rendeu, mais de 500 mil prisioneiros foram feitos pelos soviéticos, entre alemães, italianos, húngaros e romenos. Durante os meses de fevereiro, março e abril de 1943, mais de 400 mil desses homens pereceram. Em muitos casos, os soviéticos simplesmente deixaram-nos morrer de fome.

Depois de Stalingrado, os soviéticos avançaram resolutamente para

oeste, diretamente para Berlim, e as conseqüências de sua enérgica passagem pelo interior da Alemanha permanecem até os dias de hoje. Para a União Soviética, o caminho para o seu papel atual de superpotência começou no Rio Volga.

Para os alemães, Stalingrado foi o fato isolado mais esmagador da guerra. Um pessimismo constante começou a invadir as mentes daqueles que haviam cantado «*Sieg Heil!*», nos comícios-monstros de Hitler, e o mito de gênio do Führer começou a se dissolver. O fracassado cerco de Stalingrado foi o começo do fim para o Terceiro Reich.

E, todavia, em termos estritamente militares, o feito dos alemães (do soldado comum e seus oficiais) foi extraordinário. Em 1944, o General Charles de Gaulle caminhou, de passagem, pelos escombros ainda não removidos de Stalingrado. Mais tarde, numa recepção em Moscou, um correspondente lhe perguntou qual a sua impressão do que tinha visto.

«Ah, Stalingrado!», disse o líder francês. «Que povo formidável, um povo realmente grande!»

O correspondente concordou: «*Ab, oui, les Russes...*»

Mas de Gaulle interrompeu-o, para explicar: «*Mais non, je ne parle pas des Russes; je parle des Allemands. Tout de même, avoir poussé jusque là!*» (Não, não estou falando dos russos; estou falando dos alemães. Que eles tenham conseguido tanto!).

Quanto Tempo Você Viverá

Um Questionário

O TESTE abaixo foi criado por Robert Collins, coordenador de educação física das escolas públicas de Bellevue, Washington, e é por ele utilizado para estimular seus alunos a discutir a *expectância de vida*. Agora trazemos o teste à apreciação de nossos leitores.

Mas, cuidado. Estes números não são científicos; são apenas indicadores aproximados de *algumas* condições que podem contribuir para uma

longa vida. Além disso, as predições são endereçadas ao chamado «americano médio», o que já é, em si, uma figura fictícia, não tendo, portanto, muito a ver com cada um de nós, leitores de outras regiões e de outras condições sociais. Como resultado, uma pessoa que já tenha ultrapassado a meia-idade poderá descobrir que, pelas predições, já deveria ter morrido há alguns anos. Mesmo assim, por que não preencher o questionário?

EXPECTÂNCIA BÁSICA DE VIDA

Nascido entre	Homens	Mulheres
1880-1900	35-40	37-42
1901-1910	48	51
1911-1920	51½	56
1921-1930	58½	62
1931-1940	60½	66½
1941-1950	65	70½
1951-1960	67	74
1961-	67½	74½

Sua expectância básica de vida _____ anos.

IDADE ATUAL

Idade	Some	Idade	Some	Idade	Some
1-4	1 ano	41-45	4	66-70	9½
5-20	2	46-50	4½	71-75	11½
21-25	2½	51-55	5½	76-80	12
26-35	3	56-60	6½	81-85	6½
36-40	3½	61-65	8	86 ou mais	4½

Em sua família. Acrescente um ano para cada período de cinco anos que o seu pai tenha vivido depois dos 70. O mesmo para sua mãe.

Novo total _____ anos.

Estado civil. Se for casado, acrescente cinco anos. Se tiver mais de 25 anos e não for casado, subtraia um ano para cada dez em que continuar solteiro.

Novo total _____ anos.

Onde vive. Se vive numa pequena cidade, acres-

cente quatro anos. Se vive numa metrópole, subtraia dois anos.

Novo total _____ anos.

Status econômico. Se tiver sido muito rico ou muito pobre, durante a maior parte de sua vida, subtraia três anos.

Novo total _____ anos.

Forma física. Se tiver mais de 40 anos, subtraia um ano para cada três quilos de excesso de peso. Para cada centímetro que a medida de sua cintura exceder a do peito, subtraia dois anos.

Novo total _____ anos.

Exercício. Regular e moderado, acrescente três anos. Regular e vigoroso, acrescente cinco anos.

Novo total _____ anos.

Disposição. Bem humorado e tranqüilo, acrescente de um a cinco anos. Nervoso e tenso, subtraia de um a cinco anos.

Novo total _____ anos.

Álcool. Se for um bebedor, subtraia cinco anos. Se for um bêbado, subtraia dez.

Novo total _____ anos.

Cigarros. ½-1 maço por dia, subtraia três anos. 1-1½ maços, subtraia cinco anos. Mais de 1½, subtraia dez anos. Cachimbo ou charuto, subtraia dois anos.

Novo total _____ anos.

Tratamento médico. Se faz check-up e tratamento dentário regulares, acrescente três anos. Se estiver frequentemente doente, subtraia dois anos.

TOTAL FINAL _____ ANOS.